

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

7 DE MARÇO-1951

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.000

O REI DOS MENDIGOS FALECEU RECENTEMENTE NO SUL DA FRANÇA

FORAM mais de duzentas mil pessoas as que assistiram aos serviços funebres rezados por alma do velho «Papá Cheroux». José Cheroux, chamado «O Rei dos Mêndigos» faleceu aos oitenta e oito anos na pequena aldeia de Saint-Pierre, no Sul da França. Muitos dos que assistiram à missa tinham vindo do longínquo Paris.

Cheroux, homem inteligente, tinha grandes qualidades de organizador; mas assim como outros usam essa faculdade para se tornarem grandes homens de negócios, ele, desde há cinquenta anos, vinha-a pondo ao serviço da irmandade mendicante.

Para o aperfeiçoamento da sua «profissão» criou novos e mais práticos sistemas de mendicidade, registados em seu benefício, como era justo, com uma pequena percentagem das receitas ou um imposto razoável, e compôs o primeiro «Guia do Mendicante»,

grosso manual com os nomes e direcções de milhares de pessoas caritativas que habitavam a Europa Ocidental e as Ilhas Britânicas.

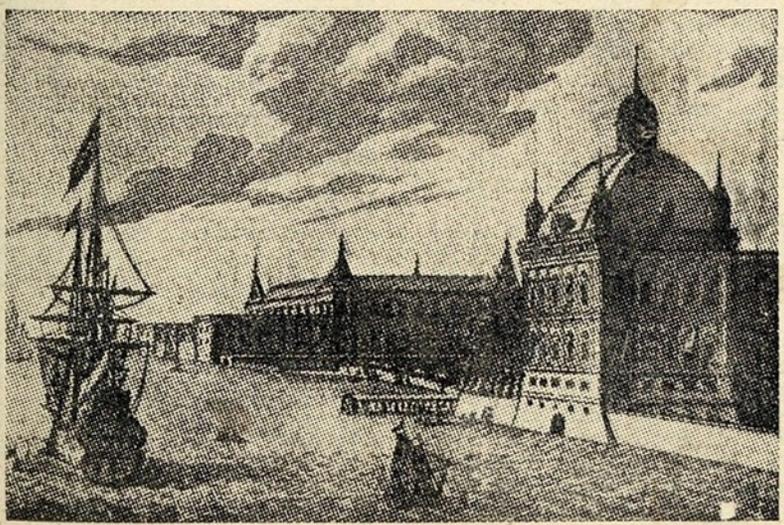
Uma das suas contribuições para a causa que defendeu foi «a história do roubo». Um homem

mal vestido caminha pela rua com uma maleta e em companhia dum criança. Faz parar um transeunte e pergunta-lhe numa linguagem que denota a sua origem provinciana, onde poderá arranjar alojamento barato para ele e para a criança que o acompanha. Estabelecido o diálogo, acrescenta que veio à cidade passar o dia mas com tão pouca sorte que lhe roubaram a carteira com o dinheiro na estação. O pequeno vai acenando com a cabeça e o patetismo à cena com um «tenho fome pai. «Embora não p...», afirma Cheroux, com o breve comédia pode ganhar... diariamente uma quantia apreciável.

Mas, maior êxito segundo afirma também Cheroux, costuma conseguir o «truque da coisa perdida». Uma velhota, à primeira vista, pobre mas limpa e bem arranjada, finge ao anoitecer e num bairro de gente endiheirada, procurar alguma coisa nas imediações dumha sargeta à luz dum fósforo. A pobre velhinha deixou cair uma nota ou uma moeda que constituiu todos os seus recursos e sem a qual não poderia ceiar nem pagar o transporte para sua casa que fica muito distante. As pessoas de bom coração param para a ajudarem a procurar e quando se convencem de que esta resulta inutil, dão ao pobre mulher moedas que a compensem um pouco da sua perda.

Em Paris, em 1892, experimentou Cheroux com êxito outra das suas criações, que, contudo se pratica rendosamente em muitas capitais europeias. Chama-se o «truque do faminto» e, se nem sempre rende dinheiro, consegue, pelo menos, uma refeição quente. A

RECORDANDO...



Os Paços da Ribeira, no Século XVII

● Continua na página 2 ●

O REI DOS MENDIGOS FALECEU RECENTEMENTE NO SUL DA FRANÇA

● Continuado da 1.ª página ●

cena deve desenrolar-se num restaurante económico ou numa casa de pasto. Um homem, novo ou velho, entra no estabelecimento e senta-se a uma das mesas, sendo possível no centro da casa.

Quando é atendido, pede apenas uma chávena de café. Enquanto espera que o sirvam contempla ávidamente os apetitosos pratos dos outros comensais e o seu rosto adquire uma expressão parecida com a da criança que olha a montra dum bazar de brinquedos. De repente, vê no chão um bocado de pão. Baixa-se para o apanhar e em seguida engole-o dum maneira que denuncia estar possuído dum fome canina. E é tudo. Não pronuncia uma palavra; não pede; não se aproxima de ninguém a pedir dinheiro ou comida.

Foi num restaurante de Bruxelas onde, pela última vez, vi a prática deste truque. Foi que os meus amigos se comoveram sem se lembrarem que fora o próprio mendigo quem depositara o bocado de pão, no chão, executando com tanta perfeição. Convidaram o pobre desconhecido a comer com eles e escutaram, não sem se enternecerem a sua triste história. Logo, todos, lhe deram dinheiro suficiente para se manter durante uma semana.

Cheroux trabalhou sempre com método. Procurava informações uteis nas colunas dos jornais, comprava notícias aos colegas e permutava conselhos com eles.

Cheroux não esqueceu também os seus irmãos mais envergonhados os que pedem por meio de cartas. A melhor carta segundo

ele, deve constar de quatro partes: primeira, aquela em que pede desculpa ou perdão; segunda, a história triste; terceira, o pedido de ajuda económica; quarta, a promessa de recompensa. «Procurai ser precisos, aconselhou aos principiantes. «Não digais nunca; preciso de cinco escudos. Pedi 4\$50. Se mencionardes uma cifra não redonda, as possibilidades serão maiores».

Embora o seu rendimento fosse considerável, Cheroux vivia com simplicidade. Permaneceu em Paris muitos anos, mas aos setenta, como qualquer comerciante que se retira para descansar comprou para si uma casita no Sul da França. Os seus vizinhos não suspeitaram nunca que «negócio» permitira àquele velho fazer tal aquisição.

Era um homem forte, de ombros largos, olhos pardos inquietos e sobrancelhas fortes. Comia e bebia moderadamente e não fumava. Enviuvou vinte anos antes de morrer e nos últimos tempos tomou a seu cargo a educação de sete netos. Além disso, tinha outra especialidade: não permitiu nunca que lhe tirassem qualquer fotografia. Não foi um homem pobre; o seu nível de vida estava acima do comum.

«Trabalhar para quê — dizia — se praticando quatro truques simples se pode viver comodamente à custa da caridade alheia?»

Não erram os que o consideravam um filósofo. A diferença entre Cheroux e os seus colegas académicos está em que aquele sabia converter a sua filosofia em ouro.

BREVE HISTÓRIA DO TEAR E DO SEU INVENTOR

QUANDO vamos a um desses estabelecimentos comprar um tecido para os nossos vestidos, sabemos de antemão que encontraremos variedade tamanha de tecidos nas mais belas combinações de cores e de padrões e que só, excepcionalmente, não satisfiarmos o nosso capricho, o gosto da nossa filha ou — não fica mal dizê-lo — a nossa própria vaidade.

Entretanto, nem de leve nos lembramos dos pioneiros da indústria do algodão e dos tecidos em geral, a quem devemos tanta facilidade de nos vestirmos ao bel-prazer, nem tampouco que devido, unicamente, aos seus esforços é que, hoje, a necessidade primária de nos defendermos dos rigores do clima se tornou nessa arte moderna, tão moldável quanto sujeita como nenhuma outra ao capricho feminino, que é a arte de vestir.

Nesta época de reivindicações é justo, que relembremos os precusores da indústria textil, aqueles denodados homens que visando, quase sempre, a melhoria da vida humana, muitas vezes com o risco da própria vida, do conforto moral e material, deram tudo que puderam da sua inteligência e do seu talento, abnegadamente, em prol do progresso geral.

É certo que, muitos deles, após as épocas de experiência, enriqueceram e se tornaram, justamente, grandes e queridos, como aconteceu a Richard Arkwright, o inventor do tear. Não será isso razão para menosprezarmos esses homens. Antes devemos enaltecê-los com a nossa admiração.

A leitora já conhece alguma fábrica de tecidos, já percorreu um desses estabelecimentos industriais, secção por secção, observando máquina por máquina, tais como o «batedor», com as suas esteiras corrediças, transformando o algodão grosseiro dos fardos em rolos de pasta mais ou menos espessa; a máquina de fardar que, por sua vez, modifica as pastas de algodão em flocos alongados; enfim, todas essas máquinas que vão, sucessivamente, transformando o algodão em cordões e em fios cada vez mais finos, denominados «espidas», «maçoqueiras», fiandeiras e a seguir, condicionando esses fios em carretéis e bobinas apropriadas — as madeiras, espuladeiras, encruzadeiras, urdideiras, gramadeiras e, por fim, o maravilhoso tear?

Pois se ainda não conhece, se nunca viu estas máquinas em funcionamento, erguem-se esses maravilhosos que modificam o algodão bruto, pouco a pouco, de etapa a etapa, em fios, dispondo-os em rolos, gomando-os, tingindo-os de vários tons, combinando-os em vários padrões e, afinal, tecendo-os em diversas espessuras e formas, jamais poderá a leitora ter uma ideia do que foi o trabalho dos pioneiros dessa formidável indústria e o quanto de paciência e força de vontade lhes foi necessário para que, construindo os seus inventos, nos dessem as armas com que temos atingido tal progresso na arte de tecer, de modo a permitir-nos amoldar as fazendas ao nosso gosto, adaptando-os aos mais variados usos da vida actual.

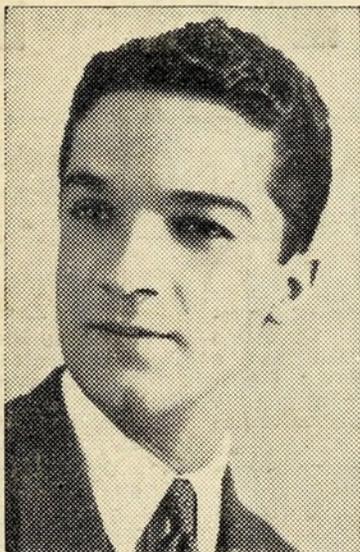
Sugerimos, pois, à prezada leitora, fazer uma visita a uma desses estabelecimentos fabris, a fim de que, como nós se encha de admiração por aqueles que contribuí-

ARCO-IRIS VISTO AO LUAR

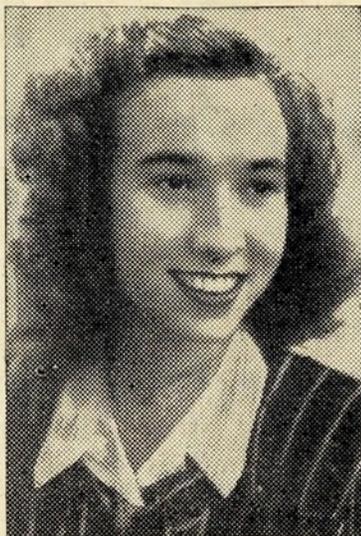
ALGUEM afirmou, provocando geral admiração, que tinha visto um arco-iris às 22 horas, em pleno céu de luar! Respondendo aos admirados, o sábio francês Edouard Bert, antigo professor de Ciências aplicadas da Universidade de Paris, disse que não há motivo para espanto, pois que tal facto é perfeitamente normal. Contrariamente às crenças antigas, o arco-iris não

é um sinal de bom tempo. Exige, naturalmente, para se formar, a presença do sol, mas também, de um modo igualmente obrigatório, a da chuva. A luz do sol é composta de uma infinidade de radiações espectralizadas desde o vermelho ao violeta. Os raios correspondentes a uma dessas radiações refractam-se através das gotas opostas ao sol e volta ao ponto inicial.

ARTISTAS PORTUGUESES NA RADIO



JOSÉ ANTÓNIO
o brilhante cantor que está actuando aos microfones brasileiros



MARIA DE LOURDES,
depois da actuação de Amália Rodrigues, é a primeira artista da rádio contratada pela E. C. A. que se fez aplaudir nos meios parisienses



MERY, a locutora portuguesa que mais tem trabalhado pelo engrandecimento da Rádio



MARQUES VIDAL
um dos mais antigos e competentes rádio-meus portugueses, e actual locutor do S. N. I.

ram para o nosso bem-estar actual. Falaremos, agora, de Richard Arkwright, o inventor do tear, como já dissemos. Nasceu na cidade de Preston, no condado de Lancashire (Inglaterra), em 1732, numa época de transição social, quando em toda a cabeça fervia uma ideia nova. Filho de família muito pobre, não pôde aprender a ler como os jovens de categoria económica superior. Cresceu quase sem saber ler nem escrever e, em lugar de frequentar as escolas, logo cedo se viu obrigado a aprender o ofício de cabeleireiro, para se sustentar.

Dai se transformou em negociante ambulante — vendedor de cabeleiras, daquelas respeitáveis cabeleiras em voga no século XVIII — negócio em que, segundo consta, logrou alcançar lucros mais ou menos compensadores, não, entre-

tanto, capazes de satisfazer ao rico Arkwright, aventureiro, ambicioso e empreendedor.

A época era própria para aventuras e económicas, entre as quais ca — andava-se à procura do moto-contínuo... — e, entre outras, várias tentativas já haviam sido feitas para a invenção de uma máquina de tecer, todas, porém, fracassadas ou de resultados que não satisfaziam as exigências práticas e económicas, entre as quais, a de Paulo Lewis, trinta anos antes, e a de Tomás Highes.

Arkwright resolveu — certamente procurando um meio de despertar financeiro — também tentar descobrir a máquina de tecer. Enfiado já nas coisas da mecânica, — quanto já se deixara levar, porém, anteriormente, pelas pesquisas em busca do moto-contínuo, não foi difícil a Richard Arkwright

fazer a transição dos seus trabalhos. E bons signos o induziram no momento que tomou essa deliberação.

Dedicou-se com tanta assiduidade às suas experiências, que desprezou o negócio de vendedor de cabeleiras, gastando todas as economias. Por essa época já era casado e a esposa não simpatizava com as experiências do marido, que roubavam o conforto do lar e dos filhos. E um dia, impaciente, quando as experiências de Arkwright já iam bem adiantadas, destruiu todos os modelos das máquinas e respectivos planos, causando tão profundo desgosto ao marido que este a abandonou, dedicando-se, então, com renovado ardor, às suas pesquisas.

Associou-se a um amigo de nome Kay, que era relojoeiro, afeito já, ao manuseio de aparelhos delicados, tais como os parafusos por Arkwright. Com esse auxílio, dentro de pouco tempo, pôde exportar, na cidade de Preston, um dos modelos do seu tear, causando com isso sérios descontentamentos à massa operária, que via na quebra a invenção o fim do seu ganha-pão e um latente perigo para o bem-estar das suas famílias.

Com as suas vidas ameaçadas pela turba, Arkwright e o seu auxiliar Kay viram-se constrangidos a fugir, passando a residir na cidade de Nottingham, onde com o apoio financeiro dos banqueiros e industriais da zona e, ainda, de Strutt — descobridor de uma máquina de fazer meias — viu abrir-se a porta para o êxito.

A patente do seu tear foi concedida no mesmo ano em que James Watt, mecânico escossês, registou a sua máquina a vapor de efeito duplo, em 1779. Desde aí começou a progressiva vida de Richard Arkwright como fabricante e industrial. Estabeleceu-se uma fábrica de tecidos movida a cavalos e, pouco depois, uma outra movida por roda-d'água, de onde vem o nome de «water-frame», que se dá ao tear, na Inglaterra. Porém, o nosso inventor não se deu por satisfeito com os primeiros êxitos obtidos. Aperfeiçoou o seu tear até torná-lo eficiente e proveitoso, através de inúmeros aperfeiçoamentos, perdas de momentos de repouso, perseguições, inveja e toda a chusma de males que acompanham qualquer iniciativa reformadora da rotina do Mundo.

Negociantes e industriais reacionários coagaram-se para lhe arrancar a patente, chegando outros a denunciá-lo como malfeitor da classe operária. A tal ponto que a população instigada pelos seus inimigos, certo dia, enfurecida, es-traçoaram um dos seus teares aperfeiçoados, em exibição, mesmo em frente das tropas. Os negociantes e lojistas negaram-se a adquirir os seus produtos, embora os reconhecessem como os mais bem acabados. Os industriais que utilizavam os seus inventos também se negavam a pagar-lhe os direitos de invenção e coagaram-se, num único bloco, para o esmagar nos tribunais.

Em virtude de tanta perseguição, à custa, certamente, de rodo de dinheiro, a patente do tear de Richard Arkwright foi cassada. Mas não desistiu; ne-e r-e-criou o valor indomito, rejuvescendo a sua coragem.

Estabeleceu novas fábricas em várias zonas do país e, pouco a pouco, tomou a direcção de toda a indústria de tecidos da época, enriquecendo, enfim, merecidamente, ao cabo de tantas lutas.

Grac-a ao poder da sua vontade, transpôs todos os obstáculos e quando morreu, em 1792, após sessenta anos de vida afanosa, tinha deixado de pé a moderna indústria têxtil, que tantas revoluções tem causado no mundo económico e social.

O FIM DA PISTA

Por LAURENCE BEELEME

ELE tinha na sua frente, a estrada nua sob a luz dos faróis. De cada lado a planície estendia-se vasta sem uma ondulação, no meio da noite. Ives conduzia depressa, sem pronunciar uma palavra. E ela não via senão o seu perfil à luz dos mostradores do «tablier» e as suas mãos sobre o volante.

O céu de Junho era claro cheio de estrelas.

Os dois ouviram ao mesmo tempo, o ruído dos motores do avião. Ives acelerou, então, brutalmente. O aparelho voou por cima deles e os seus focos desapareceram para o lado esquerdo. Sobre a estrada, os faróis de outro carro aumentaram. Depois surgiu reduzida a luz amarela, e o carro passou. Ives acelerou ainda mais.

Ela abriu as suas mãos crispadas, uma sobre a outra. Levantou-as conservando-as por um momento abertas estendidas para a frente; depois agarrou a parte superior do pábrisa. Os seus dedos agarraram-na, retesados, as falanges salientes na luz dos contadores. Ives poitou sobre eles a sua mão direita e retomou o volante. O seu olhar não tinha deixado a estrada, na sua frente, completamente direita na noite.

Depois, disse por entre dentes: — Nicole! Tu tens necessidade de repouso. Tenta dormir. Encosta-te a mim.

E quis atraí-la contra si.

Ela batia os dentes. Abandonando a marcha, despiu o casaco; agarrou o volante com a mão esquerda, enquanto com a direita, tentava cobri-la com o seu casaco. Ela abandonou-se-lhe, sem um gesto, com a cabeça um pouco inclinada.

De súbito, a cortar o silêncio, ouviu-se um estouro abafado, seguido logo de um sopro, como de qualquer coisa que se esvazia; e o carro adernou para o lado. Ives travou e fechou o contacto.

A estrada estava deserta. Agachado do lado direito, ele mudou a roda, enquanto ela, de pé, junto da portinhola segurava uma lâmpada de algebeira. Nicole aperitou o casaco contra si. As suas mãos e os braços nus apareciam na luz. Ele endireitou-se, uma mecha de cabelos na testa brilhante de suor, e limpou os dedos a um trapo sujo de óleo. Nicole olhou a planície, onde a alta erva se agitava suavemente na noite. Junto dela, a voz de Ives parecia longínqua.

— Tu não devias ter vindo!
Ela voltou-se:

— Ah! Não, não! Cala-te! — E bateu a portinhola.

Com os dois braços sobre o volante, Ives olhava a noite.

Nicole disse com dureza: — De que estás à espera?

Ele abriu o contacto e sacudiu a cabeça. — Eu tenho sempre dito no jornal para não enviarem raparigas para semelhantes reportagens. — Houve um silêncio. As árvores desfilavam à sua esquerda. Depois, acrescentou: — Sobretudo quando se conhece o piloto.

Nicole sobressaltou-se: — Como sabes tu?

Ela tinha voltado a cabeça para ele, os olhos muito abertos na sombra; e Ives fez um gesto:

— Eu vi-os, em Março, num «bar» da Rua Lafayette. E depois nessa tarde — ele hesitou — quando correste para os abarracamentos, ao chegar ao aeródromo...

— Oh! Ives... — Ela poisava-lhe a mão no ombro.

*

Ela poisava-lhe a mão sobre o ombro, e ele acendera o cigarro. Os copos estavam vazios na sua frente. Ele aspirou lentamente o cigarro e deitou o fumo pelo nariz. Numa mesa próxima, dois amorosos

abraçavam-se. A um canto da sala, quatro homens jogavam às cartas. Diante do balcão, dois operários discutiam com o dono do «bar». Já havia anoitecido e uma brisa suave secava a chuva da tarde, sobre os passeios e penetrava na sala baforadas frescas.

A porta abriu-se. Sobre o fundo vermelho do banco o casaco de couro de Axel fazia uma mancha sombria. Nicole disse docemente:

— Prometo-te não entrar tarde...
Ele encolheu os ombros:

— Como sempre à meia noite.
Nicole retirou a mão.

— Tu sabes bem que não é por minha culpa. Se o desafio começa às oito horas, não posso entrar antes das onze.

— Mas não estarás sózinha evidentemente.

— Como sempre, com um dos fotógrafos do jornal.

— Quem?

— Não sei ainda... Talvez com Ives Brun.

Axel fez um gesto com a mão:

— Não me agrada muito a sua cara.
— Tanto pior!

Nicole sorriu, enquanto Axel esmagou o cigarro no cinzeiro de metal.

— Eu gostaria que tu perdesse o hábito de fazer serviço com esses tipos.

— Mas, Axel... Isso não tem acontecido senão duas ou três vezes desde que estou no jornal.

— Esperando as outras... Esta noite entrarás à meia noite.

Ele tinha uma voz clara e dura.

Nicole baixou a cabeça:

— Mas eu não te peço para me esperares, como te julgas obrigado a fazer de cada vez que eu trabalho à noite.

Sua voz também era dura; depois acrescentou mais surdamente:

— De resto, eu já não ando na escola.
— Bem sei. Bem sei que legalmente não sou o teu tutor. — Axel teve um sorriso amargo que fez abaixar os cantos da boca:

— Agradeço-te o lembrares-me que não precisas de mim e que na primeira ocasião ir-te-ás embora.

Três rapazes empurraram a porta. As suas risadas alegres encheram a sala. Axel acrescentou em voz baixa:

— ... e que nos dois — nos de fábrica terão contratado outro piloto de ensaio.

Nicole ergueu a cabeça. A luz amarela fazia realçar os traços de fadiga na fisionomia de Axel. Inclinado sobre a mesa, os seus ombros largos arqueados, acusava uns trinta e oito anos pouco mais ou menos. Ele olhou-a e sorriu:

— Ora vê! Quando envelhecemos, tornamo-nos idiotas.

A fisionomia crispada de Nicole distendeu-se subitamente, e ela poitou a mão sobre a de Axel.

— Tu bem sabes que não tenho nenhum desejo em ir-me embora — disse ela docemente.

Sairam para a rua mal iluminada Axel levantou a gola do casaco de couro e tomou o braço de Nicole:

— Na Primavera o avião estará pronto para as provas. É o mais belo avião do

mundo. — E teve um sorriso de satisfação, enquanto Nicole se encostava mais a ele.

Sobre o campo, os mecânicos em fatos-macacos azuis, andavam de um lado para outro ao redor de um grande avião.

As suas asas brilhavam ao sol, no fim da pista de voo.

Da parte de trás do aparelho, uma sebe alta bordava o terreno.

Ives ia tirando fotografias, enquanto Nicole se afastava para os abarracamentos.

Ela viu de longe o perfil de Axel diante da porta. Ele encaminhou-se lentamente na sua direcção, contra a luz do sol, com os ombros um pouco arqueados.

— Eu tinha-te pedido para... não compareceres... — A sua voz era dura.

Nicole baixou a cabeça:

— Não havia mais ninguém para fazer a reportagem.

— Ora! Nós não temos necessidade de reportagem. Já aí estão muitos jornalistas e fotógrafos. Uma prova como a de hoje deveria fazer-se o mais discretamente possível. Mas diz-me, tu pediste, não é verdade — e sublinhou as suas últimas palavras — para te enviarem aqui?

Ela fixou-o:

— É verdade, sim. Eu queria estar ao pé de ti. Era a única maneira.

— E o fotógrafo é o tal Ives Brun?

— É, sim.

Os dois tinham tornejado o ângulo do edifício. Direito diante dele, Nicole olhou-o, dizendo docemente:

— Não me abraças hoje?

Ives inclinou-se, poitou os lábios na testa dela, num beijo rápido.

— É preciso que vá imediatamente.

Recuou um passo, inclinando a cabeça.

— Porque não partes... antes de...?

— É impossível. Devo levar a notícia feita para o jornal.

Ele olhou por cima do ombro de Nicole

para a sebe, do outro lado do terreno, e disse suavemente:

— Está bem. Em todo o caso é a mesma coisa. Uma vez que o jornal conta mais do que eu, mais do que as minhas ordens e a minha tranquilidade.

— A tua tranquilidade? — perguntou ela, com um sorriso de espanto. — Eu não te incomodo muito. Não me censuras de estar muitas vezes ausente de casa?

— Sim! — ele falava em voz baixa. — Tu nunca lá estás quando eu tenho necessidade de estar acompanhado. Mas hoje — e destacou bem as sílabas — tinha necessidade de que não estivesse aqui.

— Eu quis unicamente estar aqui, junto de ti — replicou ela lentamente — durante uma das tuas mais importantes provas, para ser daqueles que te felicitarão quando desceres do aparelho.

— Não preciso que me felicitem. Se esta é a minha profissão, faço o meu dever. É tudo... Tu sabes isso muito bem.

Ela aproximou-se, poisando as mãos no ombro de Ives.

— Bem sei sim. E não te dizia nada. Tu também sabes muito bem, que eu...

— Está bem... — interrompeu ele, com voz suave. — Unicamente eu preciso de toda a minha calma para esta prova. Tu devias saber isso, melhor que ninguém. Mas nunca chega qualquer coisa...

*

— Preciso de toda a minha calma para esta experiência... Tu devias saber isso, melhor que ninguém... Mas nunca chega qualquer coisa... — A voz de Axel tornou-se surda. Ele poitou a mão sobre o ombro de Ives.

Estavam em frente um do outro.

O sol queimava o terreno e as coberturas dos hangares.

Ives perguntou sorrindo:

— Mas que queres tu que chegue?

Axel olhou-a afectuosamente:

— Não te faças idiota. Tu conheces os riscos!

E fixou-o firmemente, com os seus olhos claros, continuando em voz baixa:

— Se chega... qualquer coisa, lembra-te

*

de que «Nicole só terá a ti, Ives. Não te esqueças disto!

Depois, afastou-se na direcção do aparelho. De pé, na carlinga, levantou a mão, uma última vez.

Os mecânicos correram re novo para a extremidade da pista. Ives corria na frente deles.

Axel passou a mão pelos olhos. Depois, olhou para Nicole, de pé, diante dele com a fisionomia inundada pela luz do sol.

— É preciso partir imediatamente. — Inclinou-se um pouco. — Não voltes tarde; e sobretudo, não faças tolices. Eu não sei a que horas voltarei amanhã.

Ela teve um sorriso triste.

— Então não tens confiança na tua pequena?

— Amo-te! Não será isto bastante? — E depois afastou-se rapidamente.

— Axel.

Nicole deixou cair os braços ao longo do corpo enquanto ele continuava a caminhar, sem se voltar. Ela voltou para o centro do campo, enquanto Ives tirava fotografias sobre fotografias.

Axel aperitou as mãos. Ele parecia grande, de pé na carlinga. A sua voz fez-se ouvir, de súbito:

— Contacto?

— Contacto!

As rodas negras destacaram-se, rolando, sobre o cimento da pista. O avião brilhou ao sol.

Nicole sentiu sobre o seu ombro a mão pesada, crispada, de Ives.

Um ruído de trovão explodiu no céu sem nuvens.

E uma chuva de metal foi cair no solo, do outro lado da sebe; e logo ouviu-se a sereia de uma ambulância que correu velozmente.

Acotovelando-os, passando por entre os jornalistas e os mecânicos, Ives e Nicole correram para a extremidade da pista.

E toda a gente correu para o fim da pista de voo, onde as chamas começavam a lamber os destroços do avião.

*

Diante deles, via-se sempre aquela estrada, mais clara sob a luz dos faróis.

Nicole falava lentamente, quase a meia voz:

— Para mim, Axel... Era quase normal que, depois da minha infância ele olhasse por mim. Era normal como se fosse verdadeiramente meu pai, com esse constante cuidado que tinha por mim, a sua dureza, a sua doçura e a sua ternura ao mesmo tempo. Ives! Tu não podes saber.

Ives continuava a olhar na sua frente, na noite. Depois perguntou em voz surda:

— Porque nunca me falaste dele?

— Eu não queria que tu soubesses — que ninguém soubesse no jornal — que ele era piloto de experiências... Nunca me teriam mandado para fazer as reportagens... Agora — Nicole fez um gesto vago e a sua mão caiu sobre os seus joelhos — agora já não tem importância.

Ives passara o seu braço sobre os ombros de Nicole.

Ele conduzia o carro com a mão direita, muito lentamente. O céu ia clareando. Nicole disse em voz baixa:

— Eu queria que fosse um pouco feliz, mesmo assim.

Ives quis falar, mas ela interrompeu-o:

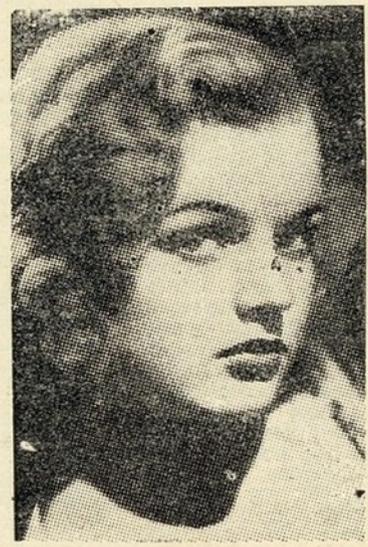
— De hoje em diante, estou convencida do contrário.

Ela pendeu a cabeça. Ives atraiu-a contra si. Com o rosto sobre o ombro dele, Nicole chorava soluçando. O relógio do «tablier» marcava cinco horas. Ives olhava na sua frente a fita branca da estrada, como uma pista de voo. No fim dessa pista, sobre o arrabalde de leste de Paris o dia já rompendo lentamente.

Duas
«estrelas»
de
cinema
de
Hollywood



O sorriso de Esther Williams



June Haver

A história de Gaspar Hauser é mais enigmática, que a do «Máscara de Ferro», mais emocionante que a do delfim de França, mais misteriosa que o fim do filho de Napoleão III.

Se é conhecida apenas por pouca gente, deve-se isso à circunstância de que se lê pouco ou depressa se esquece o que se leu, visto que apaixonou bastante os nossos avós.

Há cerca de quarenta anos, o barão von Artin publicou um folheto com pormenores inéditos e fotografias de documentos oficiais, para demonstrar que o governo de Baden tinha mandado... suprimir Gaspar Hauser, por razões de Estado. Mas o referido opúsculo foi apreendido na Alemanha, sem que tivesse chegado a transpôr as fronteiras. Felizmente, porém, um antigo oficial prussiano, Otto von der Trense, residente em França, conseguiu um deles, de onde extraiu o essencial para um livro que publicou, dedicado aos «Príncipes generais e soldados alemães».

Enterrado em vida

NA tarde de 26 de Maio de 1828, passeava nas ruas de Nuremberg um jovem de quinze ou dezasseis anos de idade, que chamava a atenção de toda a gente, pelo seu modo de andar e atitudes estranhas. Caminhava a custo, como um paralítico, e parecia que a luz do dia incomodava a sua vista. Um burguês curioso, apiedado ou intrigado aproximou-se dele e perguntou-lhe quem era. Apesar das suas palavras incoerentes e frases confusas, o nuremberguês julgou compreender que o desconhecido viera de Ratisbona. O jovem mostrou então, uma carta que era dirigida ao capitão Weissenich, comandante do 4.º Esquadrão do 6.º Regimento de Cavalaria Ligeira de guarnição de Nuremberg. Conduzido à residência do referido oficial, o desconhecido só respondia a tudo com esta estranha frase:

— Quero ser de cavalaria. Ao darem-lhe de comer devorou todo o pão que viu e bebeu grande quantidade de água, demonstrando repugnância pela carne e pela cerveja.

O capitão Weissenich não reconheceu nem o desventurado rapaz nem a letra da carta, cujo teor era o seguinte:

«Sou um pobre jornalista, pai de dez filhos. O portador foi depositado à porta de minha casa, no dia 7 de Outubro de 1812, e recolhi-o, sem ter comunicado o facto às autoridades. Desde então, nunca saiu à rua e, apesar disso, ignora o meu nome e até mesmo a minha residência. Ensinai-o a ser um bom cristão. Sabe ler e escrever. É dócil e quer pertencer à arma de cavalaria, como seu pai. Ontem, de noite, guiei-o até Neumark».

A carta, que tinha o evidente propósito de despistar todas as investigações, era acompanhada por este simples bilhete, escrito em caracteres latinos:

«Esta criança já está baptizada: chama-se Gaspar. Vós dar-lhe-eis um apelido. Educai-o. Seu pai era

A HISTÓRIA IMPRESSIONANTE DE

GASPAR HAUSER

PRINCIPE HERDEIRO DO GRAO DUCADO

de BADEN

CUJA VIDA FOI MAIS DRAMÁTICA

E MISTERIOSA DO QUE A DO «MÁSCARA

DE FERRO» E DO DELFIM DE FRANÇA

militar e pertencia à Cavalaria Ligeira. Quando completar dezasseis anos, alistai-o nesse regimento em Nuremberg, onde seu pai serviu também. Rogo-vos que o eduqueis até os dezasseis anos. Nasceu a 30 de Abril de 1812. Sou uma pobre rapariga e não posso sustentá-lo. Seu pai morreu».

Se tudo isto não era um conto, a «pobre rapariga» devia ter abandonado o filho com cinco anos de idade, com o bilhete referido, à porta do «pobre jornalista». É curioso, porém, que este, apesar da «sua pobreza», educou-o até aquela idade, em que se decide a abandoná-lo em circunstâncias misteriosas.

Não sabendo que fazer, o capitão Weissenich enviou-o ao burgomestre, M. Binder que o fez submeter ao exame do dr. Osterhausen médico forense, que redigiu o seguinte relatório:

«G. Hauser — não se sabe quem lhe deu este apelido — não devia ter feito uso das pernas, senão raras vezes, porque a pele das plantas dos pés é suave sensível e fresca. Também não utilizou as suas forças, visto que todos os seus movimentos provam que não sabe medir o seu impulso. Parece evidente que nunca viu nada e que não aprendeu coisa alguma; que a vida comum lhe tem sido estranha; que ignora a essência e os deveres da nossa espécie, a natureza e a própria existência civil; que viveu, ou melhor, vegetou num isolamento quase absoluto, em constante escuridão, porque o seu órgão da vista é tão fraco que o menor reflexo luminoso lhe causa vivas dores.

Não tem a noção das distâncias e mal se pode ter de pé, o que prova que habitou num reduto estreito e baixo. Nunca conheceu a sucessão do dia e da noite e não sabe medir o tempo. De tudo isto se conclui que as suas concepções são muito limitadas. Por outro lado, mostra-se doce e paciente. Obedece ao menor gesto e desespera-se quando não pode agarrar em objectos afastados que julga próximos dele, ou se queima quando toca noutros, de cujo calor não suspeita».

Todos estes pormenores dão a impressão de que o desgracado

viveu no isolamento de um calabouço — para melhor dizer, nterrado em vida.

Assassinado

AO cabo de algum tempo, o burgomestre Binder levou o desventurado para sua casa, com o fim de mostrar-lhe a instrução primária e obter dele alguns informes, que esclarecessem a sua origem. Embora com dificuldade, conseguiu averiguar que Gaspar Hauser passara a sua infância num subterrâneo, privado completamente de luz permanecendo deitado ou sentado, sem nunca ver um ser humano — o que coincidia com as conclusões do médico Osterhausen. Mais tarde, o desventurado pôde referir que antes da sua libertação o seu carcereiro fora vê-lo algumas vezes, dando-lhe várias lições de escrita e ensinando-o a andar, e que um dia levou-o às costas até próximo da cidade de Nuremberg. Gaspar era incapaz de dar a mais ligeira indicação acerca do seu carcereiro, pois este habituara-o a ter sempre a vista baixa; por outro lado, talvez pelo mesmo motivo os seus cérebros olhos eram incapazes de reflectir uma imagem e até de fixá-la, na sua retina.

O burgomestre Binder mandou afixar uma proclamação, na qual convidava os habitantes de Nuremberg a prestarem qualquer declaração, que pudessem esclarecer o misterioso caso. Imediatamente, um médico, dr. Daumer, pediu ao burgomestre que lhe confiasse Hauser, para tentar desenvolver-lhe a inteligência, o que conseguiu ao cabo de inúmeros esforços. Quando a opinião pública começava a desinteressar-se do jovem Gaspar, um dramático incidente atraiu de novo a atenção sobre ele.

No dia 17 de Outubro de 1829 a irmã do médico encontrou manchas de sangue, num corredor. Após várias averiguações, foram encontrá-lo no sótão, inanimado, com uma facada no rosto. Ao voltar a si, Hauser começou a gritar: «O homem... o homem negro... como o limpa-chaminés...

Diga ao professor... Feriu-me... Afastem-no para longe... Ele mata-me»...

Ao que parece, as investigações judiciais não tardaram em descobrir uma pista segura. Mas foi logo abandonada, sem qualquer explicação e o caso foi enterrado, como se diria hoje. Depois de ser alojado na residência do conselheiro Biberach, onde esteve guardado pela Polícia, foi transferido para casa do professor Mayer, em Aushach.

A 14 de Dezembro de 1833 — já na maioridade — encontrou numa rua da vila um estrangeiro, que lhe disse que estava encarregado de comunicar-lhe informes interessantes sobre o seu nascimento. Gaspar Hauser marcou-lhe uma entrevista para a três horas, desse dia, no jardim de castelo. O desconhecido compareceu, mostrando-lhe uns documentos e aproveitando o momento em que ele os examinava, vibrou-lhe uma punhalada nas costas. Reagindo, Hauser arrastou-se até casa, onde exalou o último suspiro.

«O assassino rugiu a cavalo e, apesar dos esforços do governo bávaro — acrescenta Otto Von Der Trense, com reticências — não foi possível encontrar qualquer vestígio do criminoso ou dos seus cúmplices, que provavelmente facilitaram a sua fuga».

Levanta-se o véu sobre a sua origem

QUEM era esse jovem e que mistério encobria a sua implacável perseguição?

O barão von Artin foi quem projectou mais luz sobre o misterioso caso.

Como já havia sido demonstrado — ao que parece — pelos professores Fernerbach e Kolb, Gaspar era o filho primogénito do duque Carlos de Baden e de sua esposa, a princesa Estefânia de Beauharnais, filha adoptiva de Napoleão I.

Portanto, o misterioso Gaspar Hauser era o príncipe herdeiro de Baden, nascido em 29 de Setembro de 1812.

O pequeno príncipe, que se dizia ter morrido a 16 de Outubro do mesmo ano, havia sido sequestrado pela condessa de Hochberg, esposa morganática do velho grão-duque, a qual, suprimindo os herdeiros directos do trono, pretendia que a coroa recaísse em um dos seus filhos, como realmente aconteceu.

Pela morte do grão-duque Carlos, em 1818, a coroa passou para seu tio, o grão-duque Luís, que não tinha filho varão e que se dava bem com a condessa de Hochberg. E pela morte daquele, o filho mais velho da condessa passou a ser o grão-duque Leopoldo.

Além dos documentos oficiais e comprovativos descobertos por von Artin, outros factos confirmam esta hipótese. Primeiro, na família dos Zachringen (o ramo directo) houve uma sucessão de mortes súbitas, favoráveis aos planos tenebrosos da condessa de Hochberg. Singularmente, o célebre criminalista professor Tenerbach, que se interessara pelo caso, deixando transparecer num dos seus opúsculos que Gaspar Hauser era um príncipe da família ducal de Baden, foi vítima inopinadamente de uma doença misteriosa.

O barão von Artin publicou

o «fac-simile» de uma carta do grão-duque Luís, concebida nos seguintes termos:

«Ao meu governo.

«Em Nuremberg, o assunto fracassou por completo no mês último. Adoptem-se todas as medidas para impedir que derivem daí acontecimentos que possam perturbar a ordem no grão-ducado.

«Recebi o testemunho da minha constante simpatia.

«Sempre vosso affectuosíssimo

LUDWIG

«Maio 1828

«A M. Von Berstett»

Feitas as necessárias investigações sobre que acontecimentos, teriam ocorrido em Nuremberg, naquele mês apenas se encontrou um: a chegada sensacional de Hauser e o seu malogrado alistamento no regimento de cavalaria. Se ele tivesse sido alistado, teria ficado submetido à disciplina militar e nunca mais se ocupariam dele. Mas «o assunto fracassara por completo», como dizia o grão-duque.

O barão von Artin afirma que aquela carta lhe foi facultada por um príncipe, cujo pai a tinha recebido das mãos do próprio destinatário, o ministro von Berstett, o qual à hora da morte, lhe pediu:

— Está aqui a solução do enigma Gaspar Hauser. Dai-me a vossa palavra de que se manterá secreta até cinquenta e cinco anos depois da minha morte.

Von Artin dá a seguinte versão do sequestro e assassinio de Gaspar Hauser:

O pequeno foi roubado da alcova de sua mãe, durante a noite, pela condessa de Hochberg vestida de Dama Branca e substituído por outro da mesma idade, poucos dias antes de o seu falecer de morte natural ou envenenado.

Aquele disfarce parece coisa de cinema e é romântico, em demasia. Mas é preciso não esquecer que na história das cortes dos países alemães principalmente na dos Hohenzollern, há uma Dama Branca, como nouve um Homem Vermelho na história de Napoleão. Tal disfarce era admirável naquela época de fantasmas e lobis-homens, para poder espantar qualquer curioso importuno.

Aqui surge uma pergunta natural: para que uma substituição, se o substituído estava previamente condenado e, com ela, não evitava um crime? Com efeito a resposta parece difícil, se o falso príncipe não parecesse e fosse preciso envenená-lo.

Mas a intriguista e ambiciosa condessa de Hochberg sabia bem o que fazia. Era preciso que o herdeiro do trono, morto para todos, vivesse para ela. No caso de os seus projectos fracassarem, ela reservava-se fazer ressurgir o legítimo herdeiro, de que devia ter os necessários elementos para sua completa identificação. Com esse segredo, ela era senhora e dona da corte, se o crime fosse denunciado. Gaspar Hauser era o seu refém. Mas o escândalo à roda do ocorrido em Nuremberg e as investigações feitas e que condenaram à morte o desgraçado jovem.

A primeira tentativa de assassinio foi feita por vários indivíduos, entre os quais o sapateiro Weichmann, o próprio burguês que levava Gaspar a casa do capi-

tão Weissenich. E aquele que finalmente o matou foi o major Hennenhofa, que se teve a consciência atormentada pelos remorsos, nem por isso, estes estorvaram a sua carreira na qual, pelo contrário, conseguiu excepcionais acesos.

Hipótese? Lenda? Novela?

Dentre todos os historiadores que dedicaram a sua atenção ao caso Frederico Masson responde com autoridade e segurança: História. Depois de referir as investigações do grão-duque Nicolau Mikhailovitch sobre Gaspar Hauser, o eminente historiador diz qual foi a sua conclusão:

«O grão-duque empenhou-se em resolver o enigma e, como era o príncipe mais rico da Europa proveu a tudo isso. No dia em que conseguiu reunir uma documentação «que não permitia nenhuma dúvida», foi ver seu primo Max de Baden e exigiu-lhe «a promessa de que o corpo de Gaspar Hauser seria trasladado da sua humilde sepultura da Baviera para a tumba da Casa de Zachringen».

Não sabemos se a promessa foi cumprida ou não. Mas isso tem o mesmo valor comprovativo: a terrível lenda é uma página da História.

A TORRE DE PISA CADA VEZ SE INCLINA MAIS

A torre de Pisa, que cada vez se inclina mais, como a cumprir-se a sinistra profecia de um mágico corcunda, segundo a qual se dobraria tanto até tocar com a cúpula no chão, está condenada, irremediavelmente, à derrocada fatal.

Nem sucessivas camadas de betume introduzidas no terreno à volta, nem injeções de cimento até à raiz dos alicerces, nem espas de aço e tudo o que a moderna técnica tem inventado conseguem evitar que a torre, assente em terrenos inconsistentes, saturados de humidade, se desvie cada vez mais da vertical.

Em 1817, era já de 4,51 metros a inclinação do singular monumento, que parece desafiar as leis do equilíbrio, acentuando-se cada vez mais essa inclinação, pois a torre, até agora, já se deslocou 14 pés em relação ao centro, desviando-se da vertical, na média alarmante de 21 polegadas, por ano. As mais recentes medições indicam que o desvio, nos últimos dezoito anos, foi além de uma polegada.

Nada, na opinião dos técnicos, poderá obstar a derrocada da torre, que é um dos mais notáveis monumentos de todo o Mundo.

Segundo o prof. Pecchiacci, que, há pouco, lançou novo alarme, a famosa torre, cuja inclinação, agora, é de uns sete milímetros por ano, pode desabar de um momento para o outro, bastando para tanto um abalo de terra ou qualquer fenómeno semelhante.

Cai a torre, não cai — andamos nisto há séculos, enquanto os técnicos procuram evitar o desastre, depois de terem desistido de a endireitar — porque a famosa torre de Pisa, logo ao ser construída, começou a torcer-se, e quem nasce torto tarde ou nunca se endireita.



Sim, é verdade
mas, «parar e arrancar»
é um convite à **CORROSÃO**

As voltas para negócios, as compras e as visitas fazem parte da vida de V. Ex.^o mas encurtam a vida do motor do seu carro. Quando o motor arrefece, os agentes ácidos e o vapor de água produzido pela combustão condensam-se nas paredes dos cilindros, provocando a corrosão. Os laboratórios demonstraram que a **CORROSÃO** é a maior causa do desgaste do motor.

Propriedades especiais do Shell X-100 Motor Oil permitem que este novo óleo neutralize os ácidos formados durante o processo de combustão e tornem o óleo aderente, formando uma película protectora sobre todas as peças do motor. Os agentes ácidos em contacto não penetram esta película. Por isso os metais assim lubrificados resistem à **CORROSÃO**. Deve **PROTEGER** o motor do seu carro.

ESVAZIE O CARTER
E ENCHA COM

SHELL X-100 MOTOR OIL

DETERGENTE... ESTÁVEL... PROTECTOR